

JOSÉ EDUARDO  
AGUALUSA

Um Estranho  
em Goa



QUETZAL  
língua comum / José Eduardo Agualusa

Sónia Patricia Sousa\_2120849

ESTUDOS INTERCULTURAIS - 2015

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO

# Índice

<b>Introdução</b> .....	2
<b>O Autor</b> .....	3
<b>A Obra</b> .....	4
<b>Mapas</b> .....	6
<b>Análise Intercultural</b> .....	6
Objectivo da Viagem .....	6
Discurso .....	6
Aculturação .....	7
Representações .....	9
Representação social.....	9
Representação cultural .....	10
Representação colonial .....	12
Essencialismo .....	14
Preconceito .....	14
Estereótipo .....	15
Estruturas de Pensamento .....	16
Tradução Intercultural.....	17
<b>Conclusão</b> .....	19
<b>Webgrafia</b> .....	20

# Introdução

No âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais foi solicitado que escolhêssemos um tema livre, ou a partir de um livro ou filme, que pudesse ser alvo de uma análise intercultural, ou seja, que contivesse um confronto com pelo menos duas culturas, permitindo assim fazer um estudo de caso e pôr em prática os conceitos teóricos aprendidos.

Assim sendo, escolhi o livro *Um Estranho em Goa* de José Eduardo Agualusa, não porque conhecesse o autor ou a sua obra, mas porque sou fascinada pela Índia. Uma vez que Goa foi uma antiga colónia portuguesa, senti interesse em analisar a obra em questão.

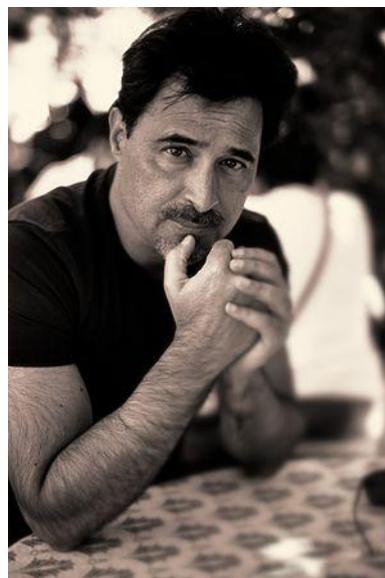
## O Autor<sup>1</sup>

José Eduardo Agualusa nasceu no Huambo, Angola, em 1960.

Vive entre Lisboa, Luanda e o Rio de Janeiro.

Estudou Agronomia e Silvicultura, mas optou pelo jornalismo primeiro e depois pela literatura.

A questão que tem com Angola percorre os seus romances, novelas e contos desde *Conjura* (1989) até *Barroco Tropical* (2009), passando por *Um Estranho em Goa* (2000), e lança luz sobre o passado-presente-futuro do país e as questões identitárias de todas as nações crioulas. Também escreveu poesia, teatro e livros para crianças.



Recebeu o Prémio de Revelação Sonangol, o Grande Prémio de Literatura da RTP, o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores, o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e o Independent Foreign Fiction Prize 2007.

Os seus livros estão traduzidos para mais de uma dezena de idiomas.

Em 2006 criou, juntamente com Conceição Lopes e Fatima Otero, a editora brasileira Língua Geral, dedicada a autores de língua portuguesa.

---

<sup>1</sup> Bibliografia retirada de <http://www.boca.pt/um-estranho-em-goia.html>

## A Obra

*Um Estranho Em Goa* surgiu devido ao facto de Agualusa ter sido beneficiado com uma bolsa de criação literária da Fundação Oriente, que lhe permitiria ir até Goa e escrever sobre o local.

A obra foi editada pela primeira vez em 2000, na Série “Oriental Viagens” da Fundação Oriente e ressurgiu em 2007 pela mão da Quetzal.

Este livro insere-se no género de narrativa de viagens, embora ficcionada.

De facto, o autor esteve em Goa mas criou um enredo à volta da sua estadia de forma a aproveitar o que captou da cultura da cidade e compor um romance.

Na contracapa podemos ler:

«Um Estranho em Goa é uma pequena maravilha. Assim entrei em Goa. Este livro mistura a literatura de viagens com uma aventura exótica, uma espécie de mistério que o autor não deslinda mas que lhe serve de ponto de apoio para mover personagens que enlaçam a Índia com Portugal e o Brasil, Goa e Luanda, Lisboa e Rio de Janeiro. À Goa de Agualusa, tão bem vista e descrita, tão bonita, e o Brasil dele, ou a melancolia angolana, enlaçam emoções e estabelecem uma pátria espiritual onde todos nós, portugueses da língua, nos reconhecemos. Sem carregar a prosa com pretensa literatice, comovendo sem ornamento, fazendo poesia ao de leve, abraçando a delicadeza e a estranheza do mundo, Agualusa fez-me viajar com palavras. Estou agradecida ao escritor.»

Clara Ferreira Alves, Expresso

A história conta a viagem do narrador a Goa com o objectivo de reencontrar Plácido Domingo, um guerrilheiro do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) que ele conheceu no Brasil.

Ao longo desta busca acompanhamos então o narrador nesta descoberta da Goa atual, que ele descreve de forma rica e envolvente.

Existem também constantes referências históricas sobre a colonização/descolonização de Goa e sobre a situação política em Angola.



# Mapas



## Análise Intercultural

### Objetivo da Viagem

A viagem teve como objetivo encontrar Plácido Domingo e conhecer a sua verdadeira história:

*“Começo uma história e depois continuo a escrever porque tenho de saber como termina. Foi também por isso que fiz esta viagem. Vim à procura de um personagem. Quero saber como termina a história dele.”*

### Discurso

Esta história é narrada na primeira pessoa – José é o narrador e o ator da sua própria história. O narrador é a tradicional figura do viajante que se faz sempre acompanhar do seu bloco de notas, no qual vai apontando as observações em relação aos usos e costumes da nova cultura:

*“Trago um pequeno caderno e escrevo.” (Aqualusa, 2007: 29);*

Este é um discurso muito descritivo sobre o que vê e sobre os locais que visita, mas assenta principalmente na analogia entre o ocidente e o oriente e a dicotomia colonizador-colonizado, o “eu” e o “outro” contemplada na teoria de Edward Said, um dos mais importantes intelectuais palestinos, crítico literário e ativista.

A obra mais importante de Said é *Orientalismo*, publicada em 1978 e considerada como um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais.

*“A sociedade europeia praticamente inventou o Oriente.” (SAID, 2007)*

*O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colónias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, o seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. (SAID, 2007 p. 27-28).*

Também ao longo da narrativa deparamo-nos com discursos que são ideologias políticas e religiosas, nomeadamente nos episódios sobre a guerra colonial e a descolonização, que servem de suporte à construção da personagem do Plácido Domingo.

## Aculturação

A aculturação é o processo de absorção ou adaptação por parte de um indivíduo a uma cultura. Este processo é observado por Agualusa em relação a Plácido aquando do seu reencontro:

*“Estranhei, primeiro, vê-lo vestido com um traje indiano, camisa branca, larga, muito comprida, em algodão, e calças também brancas, do mesmo tecido. Nos pés, muito pequenos, quase femininos, sandálias de couro.”* (Agualusa, 2007: 47)

Processo este que o leva a identificar-se com os nativos:

*“...às vezes sinto-me goês...”*(idem: 50)

Esta absorção da cultura nativa também se manifesta no mobiliário que possui:

*“Deslocava-se sem ruído entre os móveis do salão, antigas peças indo-portuguesas, que poderiam, ou deveriam, estar num museu.”* (idem: 51)

Por outro lado, também nos deparamos com um fenómeno de resistência à aculturação por parte dos *“chamados descendentes, mestiços de origem portuguesa – ou portugueses nascidos na Índia, segundo a opinião dos próprios.”*(idem:62), representados aqui pela Dona Marcelina e os seus filhos. Dona Marcelina conta a José um episódio por que passou na fronteira quando fora visitar familiares a Portugal:

*“Um dos funcionários, na fronteira, estranhou que uma senhora de pele tão clara, falando um português primoroso, lhe apresentasse um passaporte indiano:*

*- A senhora não é portuguesa?*

*Chorou:*

*- Sou portuguesa, sim, meu filho, no coração sou portuguesa. Mas obrigam-me a usar esta coisa.* (idem: 65)

Joaquim, o filho mais novo de Dona Marcelina, pelo contrário, nota-se que tem sangue indiano, embora também ele se diga português:

*“- Somos portugueses. Portugueses da Índia. Não temos nada a ver com esta gente.”*

E fica revoltado com uma sugestão que José lhe faz:

*Sugiro a Joaquim que passe algumas semanas em Portugal. Talvez em Lisboa descubra que é indiano. Ele olha para mim revoltado:*

*- Não, não! Como pode dizer isso? Seria mais fácil para mim viver em Lisboa do que em Bombaim. (Aqualusa, 2007: 66)*

Esta resistência em não aceitar a cultura onde se está inserido poderá ser explicada, talvez, pelo sentimento de cultura inferior estereotipado pelos colonizados, embora acabem por adotar certos traços culturais como, por exemplo, na gastronomia:

*“...enquanto me estendia um pedaço de bolo, a tradicional bebinca.” (Aqualusa, 2007: 64);*

Ou na linguagem corporal:

*“Ela abana a cabeça rapidamente da esquerda para a direita, a maneira indiana de dizer que sim.” (idem: 65)*

Outra personagem, Percival de Noronha, também ele um descendente afirma:

*“O que é Goa hoje? Um pequenino estado dentro de um país enorme como é a Índia. Nós não tínhamos corrupção. Hoje a corrupção está generalizada.” (idem:115)*

*“Cada dia nos sentimos mais estrangeiros dentro da nossa própria terra.” (idem: 116)*

Estas afirmações deixam notar um constrangimento, um mal-estar, como se tivessem passado do papel de colonizadores para colonizados.

Mas também o próprio José se encontra diversas vezes numa experiência de aculturação, quer seja imitando ou porque a rotina favoreceu a adaptação, por exemplo, na habituação ao ruído que tanto o incomodava:

*“Jantamos no Venite. Na última semana vim aqui todas as noites. (...) Gosto de ficar sentado numa das minúsculas varandas do Venite, como estou agora, a espreitar as pessoas que passam lá em baixo. Trago um pequeno caderno e escrevo. O ruído já não me incomoda.” (idem: 29).*



Ou quando assimila a linguagem corporal:

*“Ela abana a cabeça rapidamente, da esquerda para a direita, a maneira indiana de dizer que sim. É um gesto contagioso. Eu próprio me surpreendo, por vezes, sacudindo a cabeça desse jeito.” (idem: 65)*

Na sua visita ao Templo de Shri Manguesh:

*“Tinha comprado à entrada grinaldas de flores para oferecer aos deuses mas não sabia o que fazer com elas.”(idem:151)*

Ou na Festa de São Francisco:

*“Toda esta gente se movimentava com um alegre fervor, um contentamento solene, concentrado, que quase me contagiou.” (idem: 157).*

## Representações

A representação está relacionada com a forma como nos exibimos e como olhamos para outra cultura.

### Representação social

Agualusa criou nesta obra várias personagens que representam um papel simbólico nas diferentes realidades sociais que narra. Devido à sua diversidade não é possível analisar todas, por isso preferi focar-me nas personagens da história principal.

Sal, Dona Marcelina e Percival de Noronha representam os descendentes, os inconformados que se agarram com orgulho ao passado, numa tentativa de manter uma identidade própria, um sentimento de pertença a Portugal. Quer seja através dos objetos coloniais, gastronomia, língua ou símbolos da cultura portuguesa, eles procuram um sentimento de pertença com Portugal.

Plácido Domingo representa a descolonização em Angola, sendo o mote para se falar sobre esta. Lili representa as mulheres ocidentais que tentam imitar as orientais. Pedro Dionísio representa a cultura ancestral indiana e o respeito pela natureza:

*“Essas mulheres, a que nós chamávamos mães, tinham uma maneira especial de se vestir, com muitos colares ao redor do pescoço, imensos adornos. Falavam dos génios das florestas, como se falassem de alguém da família, e usavam canções, ervas, raízes para tratar os enfermos. Ou então, simplesmente, passavam as mãos pelo corpo do doente. O meu pai também fazia isso, fazia isso com toda a gente, e resultava.” (idem:37)*

*“Existem ainda, em Divar, terrenos sagrados que ninguém está autorizado a cultivar. Um lugar destinado aos génios. Não se pode tocar na vegetação.” (idem:39)*

## Representação cultural

A Feira de Anjuna é uma grande feira que se realiza às quartas, junto à chamada Praia dos Hippies.

*“Hoje, quarta-feira, faz-se feira em Anjuna.” (idem:24)*



O Templo Hindu com o elefante verdadeiro à porta. O elefante na cultura Hindu representa Ganesh, o Deus da Sabedoria e da Prudência.

*“Passamos defronte a um templo hindu. No pátio, à entrada, estava um elefante velho” (idem:101)*

*“Ganesh, a simpática divindade com cabeça de elefante, o Deus da Sabedoria e da Prudência, cultuado na Índia inteira.” (idem:151)*



O Templo de Shri Manguesh é um dos templos Hindus mais visitados em Goa e conta com 400 anos de existência.

*“Um dos maiores e mais opulentos de Goa, acolhe peregrinos de todo o Estado que vêm cultuar uma pedra muito antiga.” (idem:149)*



Diwali é um importante feriado indiano e um grande festival para o hinduísmo. Conhecido como o Festival das Luzes, é celebrado uma vez por ano. As pessoas estreiam roupas novas, dividem doces e lançam fogo-de-artifício.

*“O velho sorriu: — Estão a preparar o Diwali. O Festival das Luzes.” (idem:109)*



A Festa de São Francisco realiza-se a 3 de Dezembro (data da morte de São Francisco) e é realizada em honra de São Francisco Xavier, um missionário do padroado português no século XIV. Foi o responsável pela conversão de muitos

indianos ao Cristianismo. O seu corpo está hoje na Basílica do Bom Jesus de Goa, onde foi colocado numa caixa de vidro e prata, sendo hoje um lugar de peregrinação.

*“Milhares de pessoas faziam fila — a autêntica fila indiana — para entrar na Basílica do Bom Jesus.”* (idem:156)

### Representação colonial

Nas representações coloniais, quero apresentar as marcas da presença portuguesa em Goa.

O Grande Hotel do Oriente:

*“Apenas o nome, gravado numa larga placa de madeira sobre a fachada em ruínas, guarda ainda o brilho do passado irre recuperável”* (idem:20)

A casa de Plácido Domingo:

*“A casa, entenda-se, é aquela faustosa sucessão de salões e corredores: um palacete do século XVII, em dois andares, preguiçosamente debruçado sobre uma paisagem de sonho.”*  
(idem:51)

O Hotel Mandovi:

*“Num outro tempo devia ser agradável jantar ali, nas amplas varandas debruçadas sobre o rio, quando ao entardecer a brisa soprava fresca e límpida.”* (idem:94)



A Basílica do Bom Jesus, situada na Velha Goa, é uma das Sete Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo e faz parte do conjunto arquitetónico de Igrejas e Conventos de Goa, Património da Humanidade pela Unesco, sendo um dos melhores exemplos de arquitetura barroca no país. No seu interior repousa o corpo de São Francisco Xavier, considerado *O Apóstolo do Oriente*.



O Bairro das Fontainhas é um bairro da cidade de Pangim em Goa. Mantém até hoje características tipicamente portuguesas, nomeadamente a nível arquitetónico, tais como ruelas estreitas, villas antigas e edifícios pintados com cores vivas. O bairro oferece uma perceção de como era Pangim na época da governação portuguesa e o mais característico e mais lusitano bairro da capital de Goa situa-se na zona oriental de Pangim.

*“Além disso, naquele tempo, aqui, no Bairro das Fontainhas, até os jovens entendiam a nossa língua” (idem:133)*



## Essencialismo

O essencialismo é o ato de reduzir a existência de um indivíduo a uma característica e está relacionado com o estereótipo e com o poder de quem atribui as características. Encontramos visões essencialistas por parte de Agualusa, pois quando se refere ao Hotel Mandovi sugere que noutros tempos – os do colonialismo português – o ambiente circundante seria limpo e agradável, enquanto agora reina o caos.

*“Num outro tempo devia ser agradável jantar ali, nas amplas varandas debruçadas sobre o rio, quando ao entardecer a brisa soprava fresca e límpida. Hoje, porém, as varandas do Mandovi abrem-se irremediavelmente sobre o ruído do trânsito, o ar sujo, uma paisagem confusa e depressiva, e a qualquer hora do dia ou da noite sugerem mais incómodo do que repouso.”* (Agualusa, 2007:94)

## Preconceito

Trata-se de uma opinião desfavorável em relação a algo ou alguém e que não é baseada em dados objetivos. É vulgar o narrador viajante adotar preconceitos na presença de uma cultura que desconhece. José Agualusa entra num bar em Anjuna onde encontra um ambiente multicultural que o incomoda e com o qual não faz intenções de encetar comunicação. Descreve então os indivíduos que lá se encontram de uma forma preconceituosa:

*“Escrevo estas notas sentado à mesa de um bar, um botequim ruidoso, onde se acumulam jovens (e não tão jovens) extraviados ingleses, alemães, israelitas, italianos, estranhos seres que não encontrei em Pangim. Confirma-se, pois, que os friques, os que restam, quando morrem vão para Anjuna. (...) Entalado entre um irlandês muito gordo, jovial, e uma americana de cabeça rapada, com umas belas sobancelhas negras e um brinco no nariz, sinto-me um estorvo. Reparo, com horror, que a americana tem a língua fendida.”* (Agualusa, 2007:25)



Também existe em Sal um preconceito em relação aos deuses hindus:

*“Olhe bem para os deuses deles. Homens com cabeça de elefante, outros com cara de macaco, mulheres com seis braços, como as aranhas, é uma coleção de monstros! Não entendo como alguém pode adorar figuras assim. Agora olhe para a Nossa Senhora, tão linda, veja como a luz se desprende dela”* (idem:22)



## Estereótipo

Os estereótipos são representações simplistas que reduzem os indivíduos a um conjunto de traços característicos exacerbados e geralmente negativos. O autor também cria estereótipos em relação aos africanos e à sua linguagem corporal muito exagerada:

*“E ele ri-se gostosamente, com o corpo todo, como um africano, de tal forma que eu próprio me rio.”* (Aqualusa,2007:26)

Também José é vítima de estereótipo quando diz ao irlandês que é português e este relaciona Portugal com o Porto e com o estereótipo do “falar mal” dos portuenses:

*“Pergunta-me que língua falo. Português. “Ah, português!” E então diz, claramente num sotaque com carregado sotaque do Porto:*

*- Não me chateies, caralho!... (idem:26)*

Em relação a Lili, as suas características físicas não correspondiam ao estereótipo de uma mulher portuguesa:

*“Where are you from?” — Portugal.*

*Portugal? Alta, de ombros largos, rebelde cabeleira rubra, ela poderia ser escocesa, dinamarquesa, talvez alemã. Mas ninguém a imaginaria portuguesa.”* (idem:31)

Agualusa faz uma alusão à obra de Richard Burton, um escritor inglês que no seu *Goa and the Blue Mountains*, um clássico da literatura de viagens, revela a visão que os ingleses tinham dos portugueses no século XIX:

“Estando a passear por Pangim, escutou de repente uma terrível gritaria.

— O que se passa? — Perguntou alarmado ao guia. — Estão a matar um porco?

— Não é nada, senhor. Será algum cristão a espancar a mulher.

— Esse é um divertimento comum em Goa?

— Muito.

Primeiro um cavalheiro castiga a sua esposa, e logo outro, e depois outro”, *escreve Burton...*” (idem:53)

## Estruturas de Pensamento

As estruturas de pensamento são valores e atitudes partilhadas por um grupo/sociedade. Encontramos o patriotismo em Sal:

*“O táxi de Sal também tem uma bandeira portuguesa colada no vidro posterior, ao lado de outra da União Europeia”* (idem: 20, 21)

No discurso de Dona Marcelina sobre as razões que a levaram a não se refugiar em Portugal aquando a entrada das tropas indianas em Goa, encontramos o racismo:

*“— Só não fui para Portugal, como fizeram a maior parte dos portugueses, porque o meu marido, funcionário público, seria provavelmente transferido para África, e eu tenho horror aos pretos”* (idem:64)

O catolicismo é referido em toda a narrativa por oposição ao hinduísmo e faz parte das estruturas de pensamento dos descendentes. Para ilustrar, escolhi este

excerto de uma conversa entre Sal e José quando este lhe pergunta se não casaria com uma mulher de Karnataka (Estado da Índia vizinho de Goa)

*“A minha mãe não me deixaria casar com uma mulher cuja família não fosse católica”.*  
(idem: 114)

Como não poderia deixar de ser, temos também o colonialismo presente em toda a narrativa, tanto pela parte de José como pela parte dos descendentes. Percival de Noronha também não aceita a atual situação e mantém acesa a memória do passado colonial:

*“Visitei-o no seu apartamento nas Fontainhas, onde vive sozinho, rodeado de móveis indo-portugueses e de alguns exemplares de cerâmica chinesa. Na parede tem pendurado um escudo com as armas da Índia Portuguesa.”* (idem: 115)

### Tradução Intercultural

A tradução intercultural baseia-se na transferência de algo pertencente a uma determinada língua e cultura para outra, com todas as diferenças e semelhanças. Não é traduzir apenas a nível de glossário, mas a nível de elementos culturais. Neste sentido, José estabelece comparações entre as situações com que se vai deparando, de forma a tentar compreender melhor a cultura estrangeira e nela integrar-se. No caso de não conseguir identificar elementos, critica-os, como acontece na sua ida à Feira de Anjuna, onde encontrou imensa confusão e multiculturalidade:

*“Escrevo estas notas sentado à mesa de um bar, um botequim ruidoso, onde se acumulam jovens (e não tão jovens) extraviados ingleses, alemães, italianos, estranhos seres que não encontrei em Pangim. Confirma-se, pois, que os friques, os que restam, quando morrem vão para Anjuna. O bar parece ser o próprio coração do ruído. O tumulto organiza-se a partir daqui, concentra-se, ganha força, e depois espalha-se em vagas pela feira.”* (idem:25)

Ao descrever um cibercafé goês, também usa a analogia com uma leve ironia final:

*“Subindo por um escadote de madeira chega-se a um minúsculo cubículo cuja única mobília consiste numa cadeira e numa mesa com um computador. Aqui em Goa chama-se a isto um cibercafé.”* (idem: 110)

Compara também a paisagem de Pangim com Luanda:

*“Tenho visto ao longo do Zuari e do Mandovi pesadas embarcações. A ferrugem devora-as como um incêndio vagaroso. (...) Ao chegar impressionou-me a amargura das casas velhas, os passeios em ruínas, os muros derrubados. “Estamos em Luanda”, disse a Lili enquanto caminhávamos pelas ruas do centro de Pangim. “Já conheço isto”. (idem: 55)*

Aquando da visita de Jimmy ao seu Hotel, compara o seu comportamento com o dos bufos angolanos:

*“Achei estranho que ele me visitasse em Pangim. Achei ainda mais estranho que me tivesse visto em Velha Goa. Ocorreu-me que talvez o tipo trabalhasse para os serviços secretos indianos. Ridículo, eu sei, mas o que querem?, chama-se a isto pensamento condicionado. Se em Luanda um quase estranho bater à porta do meu quarto e for logo entrando, abrir o frigorífico e se servir de uma cerveja, tenho a certeza que é um bufo. Os bufos estão sempre com sede e além disso não têm maneiras. (idem: 74)*

Quando estava no bar Tito's comparou a coreografia dos dançarinos indianos com a dos índios do Brasil:

*“Havia alguns jovens indianos sacudindo-se em grupo, no meio da pista, numa coreografia que me lembrou a dos índios do Brasil nas suas cerimónias guerreiras para turistas. Acho um pouco melancólico, quase constrangedor, ver dançar um europeu. Os indianos, imitando os europeus, não o são menos. (idem: 144)*

## Conclusão

Tive bastante dificuldade em analisar e escolher os elementos-chave para a execução do meu trabalho. Tornou-se uma tarefa bastante mais morosa do que julgava inicialmente, porque a riqueza do conteúdo e a forma como este é descrito fizeram-me ir cada vez mais fundo na leitura e na investigação paralela.

É um livro que com toda a certeza vou adquirir para a minha biblioteca pessoal e anseio poder lê-lo com calma e disfrutá-lo.

A narrativa de Aqualusa é rica em conceitos e descrições culturais. A sua linguagem é muito acessível e aquilo que avizinhava como entediante acabou por se tornar num prazer em cada página.

Se já amava a Índia e se esta já exercia um fascínio enorme em mim, agora só me apetece ir a Goa à procura dos sítios por onde Aqualusa passou.

A propósito, deixo este link -<https://www.youtube.com/watch?v=vK5COmD2Ot0> – um dos episódios do meu programa preferido no momento: “Portugueses pelo Mundo”. Este episódio é sobre Goa e podemos ver a Feira de Anjuna, também conhecida como *Flea Market (mercado da pulga)*, o Bairro das Fontainhas, a Basílica do Bom Jesus, Panjim e a Velha Goa.

धन्यवाद

## Webgrafia

- <http://www.agualusa.pt/>
- <http://desafioliterariobyrg.blogspot.pt/2011/05/resenha-maio-2011-um-estranho-em-go-a-de.html>
- <http://hasempreumlivro.blogspot.pt/2009/03/um-estranho-em-go-a-de-jose-eduardo.html>
- <http://queroumlivro.blogspot.pt/2010/10/um-estranho-em-go-a-jose-eduardo.html>
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Said](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward_Said)
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Xavier](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier)
- <http://queroumlivro.blogspot.pt/2010/10/um-estranho-em-go-a-jose-eduardo.html>
- <http://www.sobrehistoria.org/orientalismo-a-relacao-historica-entre-oriente-e-ocidente/>
- <http://voltaindia.blogspot.pt/2013/02/goa-feira-de-anjuna.html>